



A espera de objetos lançados no rio: impressões sobre os ribeirinhos que coletam às margens do rio Amazonas

José Luis dos Santos Leal

Bacharel e Licenciado em Ciências Sociais
Universidade Federal do Amapá
luisleall@hotmail.com

Apresentação

O trajeto da viagem de navio Macapá, Amapá/Belém, Pará, Macapá, Amapá apresenta uma vasta e rica exposição ao ar livre da imponente beleza amazônica e ribeirinha, um conjunto de paisagens pintadas ao longo dos anos com cores e traços da nossa gente, do nosso povo, das nossas especificidades.

São cores e traços que remontam uma história de luta e resistência, de um processo diário e contínuo de resistir à fantasiosa fala do progresso da nação, do crescimento econômico e do avanço espacial. O avanço que só avança para um lado, que avança deixando as marcas da desigualdade social. E no rastro do avanço, marcas que só tem um objetivo – tornar cada vez mais invisíveis, os sujeitos já invisíveis.

Este trabalho é fruto da pesquisa que está em andamento, e é intitulada, “Contidos

pela esperança: as tramas das relações entre os ribeirinhos e os passageiros do Navio Ana Beatriz IV”. As fotos deste ensaio foram produzidas por mim com uma câmera Samsung Lens WB350f – Lente: 4.1-86.1mm/1:2.8-5.9/23mm e editadas em um editor de fotos simples (Windows Fotos).

O método de seleção das imagens partiu da relevância dada às fotografias que mostram os sujeitos no ato da espera para coletar os objetos que são lançados pelos passageiros do navio Ana Beatriz IV. Esses registros foram capturados durante o meu trajeto Macapá/Belém, e se esforçou para mostrar algumas investidas de indivíduos das comunidades de Ilha dos Porcos e Ilha dos Macacos, no Amapá; Furo Grande, São Sebastião da Boa Vista, Curru-linho e a Região de Breves, no Pará.

A interpretação das imagens se fez pelas expressões contidas no grupo de indivíduos que compõem os arranjos ribeirinhos. Antes, precisamos lembrar que segundo Lima (2004), os ribeirinhos são identificados como um tipo de população tradicional, orientado por valores que regem um modelo de comportamento comunitário dos recursos naturais. Uma condição de vida humana cuja posição está relacionada diretamente com o movimento dos rios da região amazônica.

Todos os dias centenas de pessoas fazem o trajeto de navio que sai de Macapá em direção ao porto hidroviário de Belém. E nesse trajeto, os passageiros do navio começam a lançar para o rio, objetos, roupas, comidas e muitas vezes até dinheiro sempre quando avistam uma família e/ou uma pessoa dentro de canoas nas margens do rio que cobre aquela comunidade. Esse ritual acontece sempre à luz do dia e varia de acordo com a quantidade de passageiros dentro do navio que estão dispostos a ajudar aquelas famílias.

De todo modo, as famílias ao coletarem os objetos lançados pelos passageiros do navio, tentam não só buscar uma forma de sobreviver às desigualdades provocadas pelo capital, como também, preservar os laços comunitários em relação às fronteiras dos rios, e principalmente estabelecer a cultura de uso dos seus instrumentos, que neste ensaio é traduzido pela canoa¹.



A espera
Foto: José Leal, 2017

Este registro (Fig. 1) foi capturado na boca² do rio Furo Grande/PA, e é carregado de simplicidade por retratar uma criança que conhece como ninguém os horários e as rotas dos navios de passageiros que fazem o trajeto mencionado neste trabalho. As famílias esperam a aproximação dos navios dentro de canoas, geralmente ancoradas em pequenos portos construídos na frente de suas palafitas e/ou fundeados nas margens do rio sempre nas rotas principais da viagem.



Navio a vista
Foto: José Leal, 2017

As famílias que ficam fundeadas nas margens dos rios esperando os navios (Fig. 2), geralmente são ribeirinhos das comunidades distantes dessas rotas de navegação. Em alguns casos, as famílias tem que se deslocar quase uma hora de tempo remando para poder pegar um bom lugar para coletar os objetos que são lançados pelo navio.



Na sinfonia das maresias
Foto: José Leal, 2017

Este registro em São Sebastião da Boa Vista/PA (Fig.3) mostra uma família se aventurando nas fortes maresias³ produzidas pela velocidade do navio, a fim de pegar alguma das dezenas de sacolas que são lançadas pelos passageiros, uma demonstração de sapiência e habilidade na condução da canoa. A relação direta entre o homem e o rio são partes de um processo histórico que configuram esses sujeitos como protagonistas da sua resistência.

Segundo Cruz (1999), o rio e o ribeirão são partes de um todo, ou seja, se por um lado o rio oferece a sua subsistência, por outro o ribeirão lhe oferece a proteção, através de suas representações e mitos. Existe um pacto mútuo entre os dois que permite a existência de tramas de relações que configuram as táticas empregadas pelos ribeirinhos para sua sobrevivência.



O Código Moral
Foto: José Leal, 2017



Nosso Código Moral
Foto: José Leal, 2017

Em certas comunidades ao longo rio, algumas embarcações possuem motor de popa, o que possivelmente facilitaria a captura de objetos em tempo hábil, e logo, uma grande vantagem em relação aos ribeirinhos que possuem apenas a canoa a remo, mas como que uma espécie de código moral, instituídos pelas relações simbólicas da comunidade, o acionamento do motor de popa em nenhuma vez foi registrado durante o meu percurso, ainda que para isso as crianças tivessem que remar bastante (Fig. 4 e Fig. 5).

Este cenário traduz uma forma justa de possibilitar que todos tenham a mesma chance de capturar os objetos lançados pelo navio. Um código comunitário que tem como finalidade a manutenção dos laços afetivos que se cruzam em horários específicos e linhas imaginárias⁴ marcadas pelos ribeirinhos nos rios. São famílias que de alguma forma esperam pela generosidade daqueles que se preparam o ano todo para compartilhar coisas.



A companhia
Foto: José Leal, 2017

Em muitos registros (Fig. 6) pude perceber que a cada investida frente às ondas do navio, as expressões faciais dos sujeitos mudavam bastante, porém algumas regras se faziam presente quase que sempre. As crianças e as mulheres são em potencial as coletoras, cabe a eles essa função, esse dever.



Joga, joga, joga
Foto: José Leal, 2017

Segundo Lopes (2013), nestas comunidades tão tradicionais, a figura do homem e sempre associada ao pai/chefe da casa, uma relação majoritariamente patriarcal e machista⁵. O que talvez explique nessa relação coletores/navio, a ausência do homem nesta prática, ou possivelmente pelo fato destes estarem se aventurando em outros tipos de coleta, como por exemplo, a caça e pesca.



Joga, joga, joga
Foto: José Leal, 2017

De todo modo, as crianças são os principais personagens nessa relação. Com os braços em movimento e um grito insaciável de “joga, joga, joga,” (Fig. 7 e Fig. 8) elas traduzem mais visivelmente, como apontados nos trabalhos de Cristo (2007), a crueldade da situação, que é o fracasso das políticas públicas e a inexistência de projetos educacionais. Desde cedo as crianças trocam a infância pela aventura diária resumida ao fundo das canoas, uma prática tradicional ribeirinha que é utilizada como forma de vida peculiar das crianças.



Em sacolas plásticas
Foto: José Leal, 2017

Neste contexto, apesar de toda invisibilidade das políticas públicas, as comunidades ribeirinhas cujas canoas aqui registradas, vem resistindo, e também avançando, com suas próprias táticas, com suas próprias tramas de relações, indo à frente.

E neste trajeto, centenas de famílias se lançam rio adentro em busca das novidades trazidas pelo homem da cidade, são objetos, roupas e alimentos lançados no rio por aqueles indivíduos que de alguma forma distribuem esperança (Fig. 9). Por aqueles poucos solitários contagiados pelo doce etílico⁶ produzido pelo bar do navio, que começam desesperadamente lançar objetos até mesmo quando não se tem canoa a vista. Desta mistura de tramas de emoções e percepções há muito ainda para aprender sobre o verdadeiro significado do sentido de comunidade, de resistência e de reciprocidade.

Notas

1 Embarcação construída de forma artesanal de leve porte a remo.

2 Para as comunidades ribeirinhas o termo “boca do rio” significa entrada ou início.

3 Categoria nativa usada pelos ribeirinhos da Amazônia para descrever as fortes ondas provocadas pelas marés.

4 Na expressão “linhas imaginárias”, me refiro a distancia geográfica que os ribeirinhos utilizam uns dos outros para esperar as coisas que são lançadas pelos passageiros do navio.

5 Sobre o assunto confira em “LOPES, Luciane Gomes. *Vivência espacial das mulheres ribeirinhas: os espaços paradoxais do Distrito de Nazaré*. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Departamento de Geografia, Universidade Federal de Rondônia. Porto Velho, p. 121. 2013”.

6 Forma poética de fazer referencia as bebidas alcoólicas vendidas no bar do navio.

Referências

CRISTO, Ana Cláudia Peixoto de. *Cartografias da educação na Amazônia rural ribeirinha: estudo do currículo, imagens, saberes e identidade em uma escola do município de Breves/Pará*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Educação, Universidade Federal do Pará. Belém, p. 165. 2007.

CRUZ, Manuel M. Sítios agroflorestais na várzea do Careiro. *Revista de Geografia da Universidade do Amazonas*, Manaus, v. 1, n.1, p. 105-122, jan./dez.1999.

LIMA, Deborah de Magalhães. Ribeirinhos, Pescadores e a Construção da Sustentabilidade nas Varzeas dos Rios Amazonas e Solimões. In: *Boletim Rede Amazônia*. Diversidade Cultural e Perspectivas Socioambientais. Ano 3, n. 1, 2004.

LOPES, Luciane Gomes. *Vivência espacial das mulheres ribeirinhas: os espaços paradoxais do Distrito de Nazaré*. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Departamento de Geografia, Universidade Federal de Rondônia. Porto Velho, p. 121. 2013.